

ANÁLISE DO DISCURSO E A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO

Ana Paula dos Santos¹, Teresinha de Fátima Nogueira²

¹UNIVAP/FE – Faculdade de Educação, R.Tertuliano Delphin Junior 181 – Jd. Aquarius, São José dos Campos/SP, aninhaaps.anapaula@gmail.com

²UNIVAP/Letras e IP&D, R.Tertuliano Delphin Junior 181 – Jd. Aquarius, 12246-080, São José dos Campos/SP, terenog@univap.br

Resumo: o presente trabalho é resultado parcial de uma pesquisa em andamento, que objetiva discutir a questão do negro no livro didático a partir do referencial teórico da Análise do Discurso de linha francesa. Apresenta uma reflexão sobre as formações imaginárias, ou seja, a representação que o sujeito faz de si mesmo, do lugar e do outro e sobre o discurso silenciado nos textos de leitura. Leva-se em consideração o discurso como efeitos de sentido produzidos no processo de interlocução (Orlandi, 2001) e as condições de produção do discurso social, histórico e ideológico no qual o sujeito desloca-se para significar interdiscursivamente. E é nesta perspectiva que foi abordado um dos textos de leitura presentes em um material didático de história, em que questionamos os mecanismos e a superficialidade que é tratada a história da etnia negra e do afro-descendente no livro didático.

Palavras-Chave: livro didático, educação, negro, análise do discurso.

Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes.

Introdução

Este trabalho constitui-se em parte de uma pesquisa em andamento que tem como material de análise a questão da representação do negro nos textos de leitura dos livros didáticos. Uma das finalidades é colaborar com a prática pedagógica dos professores e na formação dos alunos para que possam ter um outro olhar para os conteúdos apresentados nos livros didáticos em relação à etnia do afro-descendente.

Villarta-Neder (2002) analisa quatro livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, partindo de um olhar da concepção do silêncio como atribuidor de produção de sentido da linguagem. Tal mecanismo discursivo, normalmente, se faz presente no livro didático e torna-se fundamental para o professor de língua materna pensar na relação entre o material didático e a visão de significação que é aí apresentada. Nosella (1978) e Faria (1996) apresentam uma abordagem diferenciada em busca da ideologia presente nos livros didáticos; a primeira partiu de uma análise de como está sendo mostrado o conceito de trabalho no livro didático, e a segunda analisa mecanismos ideológicos constituídos no aparelho escolar, tendo como transmissor da ideologia dominante o livro didático.

Baseando-se nas análises já realizadas, este trabalho tentará mostrar o que é silenciado na representação do negro no livro didático. Questionando como ele está sendo abordado no material didático, onde e como a criança e o adolescente afro-descendentes se vêem inseridos no âmbito escolar e social e qual reflexão o material didático propicia aos alunos dentro e fora da sala de aula.

Materiais e Métodos

Para a fundamentação deste trabalho utilizamos livros teóricos direcionados ao estudo do discurso. Além disso, analisamos dois textos retirados de um livro didático de história com o intuito de verificar qual representação de etnia afro-descendente está manifestada na materialidade discursiva dos materiais em questão.

Para a análise dos textos selecionados partiremos da visão da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, que segundo Orlandi (apud Brandão, 2004:15) diferencia-se de outros referenciais teóricos, pois leva em conta a *“relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer, colocando a exterioridade como marca fundamental”*.

Será feita uma análise qualitativa a partir de recortes escolhidos do material de análise coletado, a fim de mostrar o silêncio causado na historicidade do texto.

Resultado

Os trechos escolhidos para a análise, que chamaremos texto 1 e texto 2, foram tirados do livro didático de história de Gilberto Cotrim *“História e Reflexão”* da Editora Saraiva, 7ª. edição, de 1997, no capítulo intitulado *“O desenvolvimento dos Estados Unidos”*, página 102, tendo como título *“Racismo – Um informe militar sobre a natureza do negro”*, página 107.

Texto 1: *“Apesar do fim da escravidão e da conquista de direitos formais de igualdade, o negro continuou sendo discriminado dentro do*

mundo dos brancos norte-americanos. Isso pode ser percebido no informe preparado em 1937 por oficiais da cúpula da Escola de Guerra do Exército dos Estados Unidos. O objetivo do informe era preparar as Forças Armadas para incorporar cidadãos negros às corporações militares”.

Texto 2: *“Individualmente, o negro é dócil, afável, bem-humorado, despreocupado e de boa natureza. Se injustiçado, torna-se teimoso e turrão, embora por pouco tempo. É despreocupado, irresponsável e conspirativo. Não suporta ser censurado e é melhor controlado através de elogios ou exposição ao ridículo. É amoral, mente e sua noção de ética é primitiva (...) De outro lado, o negro é alegre, leal e geralmente não reclama quando bem alimentado. Tem natureza musical e um marcante senso de ritmo. Sua arte é rústica. Ele é religioso. Adequadamente orientado torna-se produtivo. É emotivo e pode ser levado a estado de grande exaltação e entusiasmo. Sua emoção é instável e sua reação imprevisível”.* José Arbex Junior, *A outra América. Apogeu, crise e decadência dos Estados Unidos*. São Paulo, Moderna, 1993, p.45

O texto 1 faz uma abordagem histórica retratando o negro nos Estados Unidos depois de terem conquistado sua liberdade e o texto 2 na verdade, é um discurso tirado de um livro da editora Moderna (1993:45) escrito por José A. Junior, no qual o livro didático apropriou-se para complementar seu conteúdo pedagógico, inserindo-o abaixo do texto principal, no caso o texto 1, já que esse faz parte da metodologia das aulas de história.

O texto 1 ao se apropriar de um outro texto para dar credibilidade no complemento do seu conteúdo didático, silencia uma abordagem para uma análise histórica e reflexiva como, por exemplo, o resgate e a integração do negro à sociedade, já que o texto 2, no qual foi retomado como um discurso que acrescentaria e finalizaria o texto 1, apresenta na sua exterioridade um discurso em que se materializa o uso de julgamentos de valores da ideologia dominante, ou seja, distorce a imagem do negro, causando um outro efeito de sentido, não significando para a questão do desenvolvimento histórico social, mas deixando marcado para a questão da imagem estereotipada do negro.

Isso quer dizer que o discurso do qual o livro didático se apropriou não está na mesma formação discursiva apagando-se a origem do sentido, fala de um outro lugar, a partir de uma outra condição de produção. E a partir disso, podemos observar a representação que é feita do negro, da que o coloca como um ser pré-histórico que precisa ser adestrado para assim poder viver em sociedade.

Discussão

Para poder discutir os resultados alcançados até o momento é importante situar os estudos que compõem esta estrutura reflexiva.

A partir dos anos 60, a análise do discurso da escola francesa começa a se configurar como uma disciplina conflituosa em relação à Lingüística. Entre outros fatores, tal fenômeno acontece porque o objeto de análise para a AD é o discurso e não a língua (Orlandi, 2001); a exterioridade é concebida como marca primordial na constituição discursiva, além de se levar em consideração as condições de produção do discurso.

É uma disciplina que tem como característica pensar sobre o lugar no qual o seu discurso está sendo produzido, proporcionando ao sujeito-leitor um olhar mais analítico e crítico. Análise do Discurso tem como preocupação analisar o sentido que é constituído no texto por meio das condições de produção de um enunciado. Isso quer dizer que precisa ter uma situação enunciativa para ter uma função efetiva de sentido, não importando a intenção do autor e sim as condições de produção na qual o sujeito fala e que está inserido a partir do seu espaço histórico, social, cultural e ideológico e o efeito de sentido que o texto causa no interlocutor.

Segundo Orlandi (2001:55) *o discurso não é um conjunto de textos, é uma prática. Para se entender sua regularidade não se analisa seus produtos, mas os processos de sua produção.*

O sujeito-autor e o sujeito-locutor significam de acordo com o lugar social do qual fazem parte e visto que na perspectiva francesa a exterioridade do discurso é um fator primordial, fundamentamos nosso trabalho nesta linha de pensamento, pois nos ajudará perceber marcas discursivas construídas nos textos de leitura dos materiais didáticos.

O interdiscurso, assim como os conceitos de Formação Imaginária, Ideologia e Silêncio contribuem para uma análise crítica e reflexiva referente aos textos apresentados nos livros didáticos. O interdiscurso refere-se às retomadas de outros discursos que estão na base do mesmo em uma dada formação discursiva. Por causa desses outros no mesmo que todo discurso é considerado heterogêneo. Ou seja, todo discurso introduz outros discursos, é a partir dessa retomada discursiva do sujeito na relação com a linguagem que ele imagina ser a origem do sentido, vivendo a ilusão da autonomia de seu dizer.

Visto que o sentido está determinado a partir da sua historicidade em um processo ideológico que dita o que pode e dever ser dito pelo sujeito, no qual a linguagem faz parte da sua interação na constituição do significado, podemos

dizer que o mesmo sujeito pode deslocar-se para significar e falar a partir de uma posição assumida. Isso quer dizer que são vários sujeitos dentro de um só, sendo ele constituído pela heterogeneidade através de uma conjuntura ideológica.

A escola, como um âmbito dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), de acordo com Althusser (1974) é um dos lugares onde se faz presente uma ideologia formada pela classe dominante, que usa dos seus mecanismos para transmitir o que ela própria determina como melhoria para sociedade (suas regras, normas e valores). “... *todo funcionamento da ideologia dominante está concentrado nos AIE, a hegemonia (superioridade, poder supremo) ideológica exercida através deles é importante para se criarem às condições necessárias para reprodução das relações de produção*” (Brandão, 2004:23).

O livro didático apresenta-se como um papel fundamental na escola, o de transmitir o que é determinado pela ideologia, um mundo irreal, mascarado e distorcido no qual não corresponde com a realidade de muitos de nossos alunos das escolas de rede pública e, além disso, silencia os acontecimentos reais e históricos do nosso país. Podemos, por conseguinte, presenciar isso nos textos que apresentam o negro de forma estereotipada e o trabalho escravo como um acontecimento natural, ou seja, o ser humano está a todo o momento sujeito a tal experiência de vida, pois é da sua natureza e está apenas cumprindo essas leis naturais.

Em suma, podemos dizer que o discurso é constituído da ideologia, determinado pelo sentido que nele é constituído através das condições de produção, isso quer dizer que todo discurso é ideológico, por isso mascarado, contraditório e reproduzidor de imagens. Podemos observar uma ideologia marcada no próprio título do mesmo texto do livro didático de história “Racismo (...) natureza do negro” o objetivo ideológico é de convencer de que faz parte da vida do negro, porque já exercia atividades agrícolas na África, por isso é de sua natureza submeter-se a trabalhos pesados e inferiores. O livro didático faz é reproduzir as relações reais de um indivíduo ao preconizar tal discurso que mistifica e distorce a imagem do negro, com um discurso limitado sem poder ir além do contexto histórico, ficando apenas dentro do estereótipo do negro, sendo possível perceber uma educação legitimada que deixa de lado o desenvolvimento crítico e reflexivo dos nossos alunos.

O livro didático por dar as instruções do que o professor deve ensinar, exerce o papel principal em sala de aula, o de “único transmissor do conhecimento”.

Quando nos deparados com textos de leituras reproduzidos pelos livros didáticos corremos o risco de nos depararmos com representações criadas para modelar e convencer principalmente o sujeito em seu processo de desenvolvimento da imagem que ele deve ter para ser aceito pela sociedade. Por exemplo, a do aluno inteligente pelo professor, a da mãe perfeita pelo seu filho e esposo, e o pai trabalhador que contribui para a sociedade e assim por diante, isto é denominado pela AD de Formações Imaginárias, ou seja, é dessa maneira que ele passa a ver o mundo, a si mesmo e o outro. A partir daí, o sujeito (aluno) em seu processo de desenvolvimento como cidadão crítico passa a reproduzir estas representações impostas pelos livros didáticos ou em outros os mecanismos reprodutores de idealização. Esse tipo de postura que é passado por tais veículos da ideologia dominante causando a degradação e o aumento de preconceitos para quem não se enquadra em nenhum dos textos construídos nos livros didáticos. Os textos de leitura dos livros didáticos volatilizam a história da etnia negra e afro-descendente; é dessa maneira que podemos observar o discurso silenciado nos textos de leitura.

O silêncio não é simplesmente ficar ou estar calado, não é apenas a ausência de vozes ou ruídos vai, além disso, o silêncio pode dizer muito e significa tanto quanto a palavra que não quer dizer que através dela dizemos tudo.

Poderíamos fazer uma longa enumeração de conceitos no qual se atribui o silêncio, mas para o presente trabalho iremos nos apropriar apenas de um dos conceitos: o silêncio para os fatos históricos (Villarta-Neder, 2002), que para causar este efeito, diz algo diferente como uma estratégia de apagamento. Isso significa que o silêncio, assim como a palavra, tem suas condições de produção, e ao falar há também a possibilidade de silenciamento. Podemos dizer algo como na verdade não é o que está sendo dito, só para contornar ou para não dizer outras coisas. É nesta perspectiva que pensaremos em um discurso silenciado presente em um dos textos do livro didático de história.

Por fim conceitos equivocados passados nos materiais didáticos acabam provocando a estigmatização pela sociedade, causando a degradação e discriminação à etnia negra.

Conclusão

É importante destacar que o presente trabalho não tem intenção de fazer banir os livros didáticos das prateleiras das nossas escolas, pelo contrário, a proposta é de se trabalhar os materiais didáticos a partir de um outro olhar.

Através da análise feita no texto do mesmo livro didático de história percebemos a defasagem que se encontra o objeto em estudo, ou seja, conceitos colocados de maneira ultrapassada prejudicam o aluno a um desenvolvimento dinâmico, crítico e reflexivo.

Nota-se que não houve no texto 1, do livro didático em análise, uma finalização para a história do negro, mesmo quando se apropria do texto 2, que foi retirado de um outro lugar discursivo, ou seja, produzido em condições de produção diferente.

Esperamos que nossa reflexão possa contribuir com os professores em relação a uma outra visão de trabalho com o material didático, passando a dar importância à história da etnia negra e afro-descendente.

Referências

ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Trad. J.J.Moura Ramos. Lisboa: Presença, Martins Fontes, 1974.

BRANDÃO, H.H.N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 8ª. ed., 2004.

FARIA, A.L.G. *Ideologia no Livro Didático*. São Paulo: Editora Cortez, 12ª. ed., 1996.

COTRIM, G. *História e Reflexão: Consolidação do Capitalismo e Brasil Império*. São Paulo: Editora Saraiva, 7 ed., 1997.

NOSELLA, M.L.C.D. *As Belas Mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Editora Moraes, 12 ed., 1978.

ORLANDI, E.P. *Discurso e Leitura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 6 ed., 2001.

VILLARTA-NEDER, M.A. *Silêncio, Livro Didático e Concepções de Linguagem*. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Letras: Lingüística e Língua Portuguesa. Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2002.